



(Daniel Lemos Dias Pereira)

Institui e inclui no Calendário Municipal de Eventos o “**DIA DA MULHER NEGRA LATINO-AMERICANA E CARIBENHA**” (25 de julho).

Art. 1º. É instituído e incluído no Calendário Municipal de Eventos, criado pela Lei nº 2.376, de 21 de novembro de 1979, o “**DIA DA MULHER NEGRA LATINO-AMERICANA E CARIBENHA**”, a ser comemorado anualmente em 25 de julho.

Art. 2º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa

O presente projeto de lei, tem por principal objetivo trazer, para o nível municipal as discussões acerca da importância do Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, comemorado anualmente em 25 de julho.

O dia foi instituído no ano de 1992, durante o I Encontro de Mulheres Afro Latino-americana e Caribenha, em Santo Domingo, na República Dominicana com o objetivo de ser um marco internacional da luta e resistência da mulher negra.

Desde então, vários setores da sociedade têm atuado para consolidar e dar visibilidade a esta data tendo em conta as situações pelas quais essas mulheres passam no dia a dia.

É importante frisar que de acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2007, a situação da mulher negra é mais desfavorável no que se refere às condições de vida e trabalho. Essa pesquisa revela que 26% dos domicílios são chefiados por mulheres negras, contudo, são elas que têm as piores condições de renda.

Apesar de maior nível de escolaridade do que os homens negros (7,4 anos de estudo contra 6,3, em média), as negras têm o maior índice de desemprego da sociedade (cerca de 12,2%), atrás das mulheres brancas (9,2%), dos homens negros (6,4%) e dos homens brancos (5,3%).



Tais dados nos levam a avaliar a importância para suscitar o debate acerca da importância do foco de políticas públicas que alcancem a todos da sociedade, em especial desta importante parcela.

Diante do exposto, peço a aprovação deste importante projeto de lei.

DANIEL LEMOS DIAS PEREIRA
Daniel Lemos

[Main Menu](#)

[ONU Mulheres](#)

[Brasil](#)

[Áreas de atuação](#)

[PARCERIAS](#)

[COMUNICAÇÃO](#)

[Campanhas](#)

[Biblioteca Digital](#)

ONU Brasil e Instituto Afrolatinas marcam o encerramento do Festival Latinidades e os 30 anos do Dia Internacional da Mulher Afro-latino-americana, Afro-caribenha e da Diáspora com mesa temática

26.07.2022

Encontro virtual aconteceu nesta segunda, 25 de julho, no canal da ONU Brasil no YouTube, com a presença de representantes das Nações Unidas e de mulheres que são referência em seus papéis de liderança em organizações de mulheres negras



Sara Mendonça apresentou o evento virtual de encerramento do Festival Latinidades
Foto: ONU Brasil

Na tarde desta segunda (25), representantes do Sistema ONU e mulheres negras que se destacam por seus papéis relevantes como intelectuais e ativistas pelos direitos humanos da população negra se reuniram em uma sessão virtual organizada pela ONU Brasil e o Instituto Afrolatinas. Transmitido no canal da ONU Brasil no YouTube, o evento marcou o encerramento do Latinidades, o maior festival de mulheres negras da América Latina, que neste ano comemorou 15 anos com o tema “Mulheres negras – todas as alternativas passam por nós”.

O encontro celebrou também os 30 anos do Dia Internacional da Mulher Afro-latino-americana, Afro-caribenha e da Diáspora, comemorado todo 25 de julho, e da criação da Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afro-caribenhas e da Diáspora (RMAAD), reunindo Paola Yanez (Rede de Mulheres Afro-Latino-Americanas, Afro-Caribenhas e da Diáspora); Lúcia Xavier (Criola); Nilza Iraci (Geledés – Instituto da Mulher Negra); Sílvia Rucks (coordenadora residente do Sistema ONU no Brasil); Jaqueline Fernandes (Instituto Afrolatinas) e Catherine S. Namakula (presidente do Grupo de Trabalho da ONU de Especialistas sobre Afrodescendentes).

Coordenadora residente das Nações Unidas no Brasil, Sílvia Rucks destacou que nas conferências de Cairo, de Pequim e de Durban, na adoção da Década Internacional de Afrodescendentes e nas discussões que culminaram na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, mulheres negras chamaram a atenção do mundo para os desafios que enfrentam. “Sua mobilização levou para o centro das discussões a constatação de que a sobreposição e a intersecção da discriminação racial e de gênero impactam de forma mais severa esse grupo de mulheres. Elas têm lutado, têm nos ensinado e têm mobilizado a comunidade internacional em torno de um objetivo comum: realizar os direitos humanos de todas as pessoas e alcançar o desenvolvimento sustentável”, observou. A coordenadora residente também reforçou o compromisso das Nações Unidas com a realização dos direitos humanos das mulheres negras, sem deixar ninguém para trás.

Presidente do Grupo de Trabalho da ONU de Especialistas sobre Afrodescendentes, Catherine S. Namakula, lembrou que esses impactos são observados em toda a região. “As visitas do Grupo de Trabalho ao Brasil em 2013 e ao Panamá no mesmo ano, à Guiana em 2017, ao Equador em 2019 e ao Peru em 2020, nos deram uma visão sobre a discriminação interseccional enfrentada pelas mulheres nos respectivos países com base em seu gênero e etnia”, destacou Namakula. A presidente destacou a importância do diálogo e da atuação conjunta para superar barreiras, romper com violações de direitos e criar uma cultura de justiça e equidade para todas e todos.

Coordenadora geral da RMAAD, Paola Yañez lembra os efeitos desta articulação. “Como resultado deste importante trabalho realizado por mulheres afrodescendentes, as questões de gênero e étnico-raciais foram incluídas em fóruns e órgãos intergovernamentais, tanto a nível regional como sub-regional, mostrando avanços substantivos na agenda regional de gênero, onde não só temos participado, mas temos sido protagonistas e impulsionadoras destas mudanças que ocorreram”, lembrou.

Com o objetivo de consolidar recomendações no marco dos compromissos normativos assumidos desde o estabelecimento do Dia da Mulher Afro-latinoamericana, Afro-caribenha e da Diáspora e da criação da RMAAD, destacando as contribuições das mulheres africanas e afrodescendentes para o desenvolvimento sustentável e a recuperação dos efeitos da pandemia de COVID-19, a mesa temática contou com uma importante contribuição da coordenadora geral da ONG Criola, Lúcia Xavier, sobre o tema. “Queremos viver no futuro. Ele é um processo constituído no contexto da nossa experiência social, de acolher, proteger e enfrentar todas as formas de discriminação que vivem mulheres e as nossas comunidades. Neste 25 de julho, queremos também não só celebrar o que vencemos, o que ganhamos, o que conquistamos, mas também afirmar os nossos direitos como direitos

humanos, afirmar a nossa liberdade e a nossa dignidade como fundamental para a melhoria da democracia, para a melhoria das condições de vida e, sobretudo, para a nossa liberdade”, reforçou.

Coordenadora de advocacy e incidência política do Geledés, Nilza Iraci comentou que o que melhor define o movimento de mulheres negras hoje é a pluralidade de vozes representadas, com espaço para as “cisgêneras e as trans; as héteras, as lésbicas e as bis; as organizadas e as autônomas; as jovens e adultas, as religiosas e as ateias, as do campo, da cidade, das águas e das florestas”. A ativista lembrou que ainda são muitos os desafios enfrentados por esses grupos. “Apesar de alguns poucos avanços das lutas e de o movimento de mulheres negras estar sendo considerado o mais potente das últimas décadas, sabemos que estamos muito longe das conquistas que reivindicamos”, pontuou.

Presidenta do Instituto Afrolatinas e idealizadora e coordenadora geral do Festival Latinidades, Jaqueline Fernandes falou sobre a importância do dia 25 de julho como uma data de reivindicações, “enquanto tivermos reivindicações a serem feitas”. “Ao mesmo tempo será sempre uma data também de celebração dos nossos potenciais, um grande marco do que nós, as mulheres negras, podemos articular e articulamos de contribuição para a sociedade. O nosso projeto [Latinidades] existe para dizer que nós, mulheres negras, somos potentes e que nós temos vários projetos de mundo para sociedade, nós temos várias utopias e as nossas utopias são válidas. Que as nossas utopias serão verdade e que nós temos muito a honrar, porque as mulheres que vieram antes de nós nos trouxeram até aqui”, complementou.

A sessão virtual está disponível no [canal da ONU Brasil no YouTube](#).

Participe!

Sobre

Diretoria Executiva da ONU Mulheres
Diretoria Regional - ONU Mulheres para Américas e Caribe
Gestão
Documentos de Referência

Brasil

Visão Geral
Representante
Equipes
Oportunidades de Trabalho
Anúncios de Contratos
Contato

Áreas de Atuação

Empoderamento
Econômico
Liderança e Participação
Política
Fim da Violência contra as Mulheres

Parcerias

Sociedade Civil
Empresas
Embaixadora e Defensoras da ONU
Mulheres Brasil
Sites
Recomendados

Comunicação

Notícias
Informativos
Notas Públicas
Artigos
Campanhas
Eventos Nacionais
Eventos Internacionais

Campanhas

Geração Igualdade
UNA-SE
[Biblioteca Digital](#)
Publicações

Presença Mundial

Paz e Segurança

Vídeos

Normas Globais e

Banco de Imagens

Regionais

Governança e

Planejamento

HIV e AIDS



[In...](#) / [Centro de I...](#) / [Not...](#) / [Dia da Mulher Negra Latino-Americana destaca a importância da integra...](#)

Notícias

Dia da Mulher Negra Latino-Americana destaca a importância da integração na luta contra racismo e sexismo

26 julho 2021

- No domingo, 25 de julho, foi celebrado o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e da Diáspora. A data representa um marco da união de vozes de mulheres afrodescendentes de todo o continente.
- O dia foi instituído para dar visibilidade à luta das mulheres negras na região, a partir do primeiro Encontro de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-caribenhas ocorrido em 1992, em Santo Domingo, na República Dominicana. O evento que reuniu mais de 300 representantes de 32 países para denunciar opressões e debater soluções na luta contra o racismo e o sexismo.
- Para marcar a data, a ONU Direitos Humanos na América do Sul e a ONU Mulheres realizaram entrevistas com lideranças de movimentos pelos direitos das mulheres negras que atuam hoje em dia em países da nossa região. Em suas falas, elas destacam a importância da integração continental na luta pelos seus direitos e de suas iguais.





Legenda: Quase 30 anos depois do evento que originou a data, as demandas apresentadas em Santo Domingo devem seguir reverberando hoje pelas vozes das novas gerações

Foto: © Eye for Ebony/Unsplash

No domingo, 25 de julho, foi celebrado o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e da Diáspora. A data representa um marco da união de vozes de mulheres afrodescendentes de todo um continente.

“Esse é um dia que significa comemorar toda a nossa trajetória, porque nossos passos vêm de longe”, opina ativista do feminismo negro no Brasil e professora Rosália Santos.

"Mas também é um dia que nos faz refletir e avaliar até que ponto precisamos ainda avançar nessas sociedades racistas, sexistas, misóginas, violentas, e que têm o corpo negro, e especialmente o corpo das mulheres negras, como alvos de violação de direitos", completa.



A data foi instituída para dar visibilidade à luta das mulheres negras na região, a partir do primeiro Encontro de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-caribenhas ocorrido em 1992, em Santo Domingo, na República Dominicana. O evento que reuniu mais de 300 representantes de 32 países para denunciar opressões e debater soluções na luta contra o racismo e o sexismo.

“Quando fomos à República Dominicana e a Rede surge, em 1992, nós queríamos fortalecer as vozes das mulheres negras em todas as regiões e nos posicionar a nível mundial em relação a tudo que afeta a vida das mulheres e meninas Negras”, conta a coordenadora no Brasil da Rede de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-caribenhas, Valdecir Nascimento.

Por iniciativa do movimento de mulheres negras, julho também é um período de intensa mobilização pública – o Julho das Pretas – um momento especial em que movimentos e organizações celebram e visibilizam a trajetória de resistência das mulheres negras, propondo uma agenda colaborativa de atividades.

Quase 30 anos depois, as mulheres negras ainda enfrentam inúmeros desafios e opressões relacionados ao machismo e ao racismo e as demandas apresentadas em Santo Domingo devem seguir reverberando até hoje pelas vozes das novas gerações.

Nos últimos meses, a pandemia da COVID-19, que atinge a todos os países, tem impactado de forma desproporcional a população afrodescendente, sobretudo as mulheres periféricas. “A pandemia só aprofundou as desigualdades históricas que já nos afetam”, afirma a professora Miriam Gomes, membro da Sociedade Caboverdeana, do Agrupamento Todos com Mandela e da Comissão 8 de Novembro, na Argentina.

Para marcar a data, a ONU Direitos Humanos na América do Sul e a ONU Mulheres realizaram entrevistas com lideranças de movimentos pelos direitos das mulheres negras que atuam hoje em dia em países da nossa região. Em suas falas, elas destacam a importância da integração continental na luta pelos seus direitos e de suas iguais.

Confira a entrevista de Valdecir Nascimento no site da [ONU Mulheres](#) e as entrevistas de Cecilia Ramirez, do Peru; Miriam Gomes, da Argentina; Rosália Lemos, do Brasil; e Sonia Viveros, do Equador no site da [ONU Direitos Humanos](#)

